

# III Ciclo de Estudos: O trabalho pedagógico e suas interfaces

*Entrevista com o professor-doutor Alexandre Ventura Universidade de Aveiro- Portugal Conferencista Internacional do Evento*

**AU** A necessidade de formação continuada e desenvolvimento profissional docente é amplamente proclamada. Para alguns estamos nos repetindo. Mas se precisamos continuar o discurso desta necessidade seminal é porque ainda não foi incorporada suficientemente às Políticas Públicas e à Prática docente. Concorda?

**Alexandre Ventura:** Concordo inteiramente. Eu acho que, perante o atual panorama, podemos concluir que não melhoramos o nível da formação inicial e da formação continuada. Até considero que estamos numa situação menos boa, de menor qualidade, de menor rigor, de menor competência do que a que tivemos há 20/30 anos.

Uma das linhas de pesquisa com grande notoriedade no âmbito da teoria e da pesquisa sobre as organizações tem a ver com inteligência institucional e com a inteligência emocional em que é suposto as organizações irem aprendendo com as suas experiências, irem incorporando esse aprendizado na sua ação e, portanto, irem aprimorando a qualidade do seu exercício, da sua ação. Esta questão da formação inicial e da formação continuada de professores, manifestamente, não revela uma aprendizagem, não revela uma inteligência organizacional. Ao invés de aproveitarmos e de irmos melhorando a qualidade desse trabalho, efetivamente nós estamos a apresentar patamares de qualidade inferiores.

Na verdade, do ponto de vista das políticas públicas educacionais de muitos países, e do ponto de vista até da ação institucional das organizações responsáveis por realizar formação inicial e formação continuada de professores, nós não estamos encarando com seriedade essas mesmas dimensões essenciais para a qualidade da formação dos professores, e consequente impacto na qualidade da formação dos alunos. Aquilo a que se vem assistindo é um desinvestimento, portanto uma diminuição do financiamento em muitos países relativamente à formação inicial e à formação continuada de professores.

Verificamos em muitas instituições, que antes se dedicavam a formação inicial de professores, ao encerramento do curso de formação de professores, a conversão total ou parcial desses mesmos cursos que antes eram exclusivamente presenciais e que agora passam a ser parcial ou totalmente através da educação a distância.

Assistimos a sucessivas reformas que não se concentram na essencialidade do processo de formação. Que tratam de questões do currículo, de suas revisões, alterações, de supostas adequações desse mesmo currículo às intencionalidades. Mas não vemos efetivamente um reforço

daquelas que são as dimensões, no meu ponto de vista, mais importantes, mais estratégicas, mais essenciais para melhorar de forma substantiva a qualidade da formação inicial e continuada de professores.

**AU** O senhor tem conhecido o Sistema Educacional Brasileiro como poucos em suas várias participações em estados e municípios. Como vê a educação nestas suas passagens como conferencista?

**Alexandre Ventura:** Aquilo que eu posso dizer genericamente é que, como em todos os outros países, identifico opções, estratégias e resultados que são condizentes com aquilo que desejamos, que apresentam elevada qualidade. E outras situações em que manifestamente se tem sucateado aquela que é a formação inicial e a formação continuada de professores. Quanto à qualidade em outros âmbitos, o que eu vejo é muita gente em todos os lugares onde eu vou interessada em melhorar a sua competência, em tornar-se mais capaz de promover as aprendizagens dos alunos. Encontro muitos diretores de escolas públicas, particulares, coordenadores pedagógicos e, sobretudo muitos professores, que têm um brilho nos olhos, que tem vontade, que tem interesse e que tem aquela humildade que é um ingrediente indispensável para qualquer educador, que é um ser que tem limitações como todos os outros e de correr atrás, de procurar preencher essas lacunas que a sua ação profissional ainda apresenta.

**AU** É sempre arriscado fazer comparações entre países de culturas distintas, ainda que muitos laços identifiquem Portugal e Brasil. Assim, é possível estabelecer algum nexos entre ambos, no que se refere à formação de professores?

**Alexandre Ventura:** Esse tipo de comparações é de tal forma genérica, global, que nos leva forçosamente a sermos injustos e a darmos também respostas genéricas. Apesar de haver coisas que me desagradam e que eu acho que não são o caminho adequado de um lado e do outro do Atlântico, há uma coisa em que se manifesta uma diferença entre a formação inicial de professores no Brasil e em Portugal. Trata-se da importância excessiva e crescente a que estamos a assistir no Brasil de realizar a formação de professores através de ensino a distância. Essa não é uma tendência a que se assista em Portugal.

Outro aspecto comparativo, onde acho que estamos irmanados na desgraça, é a questão da dimensão prática da formação de professores em Portugal e no Brasil. Acho que há um déficit de dimensão prática, de envolvimento dos futuros professores desde o início da sua formação com aquela que é a realidade da dinâmica da escola, naqueles que são os processos de sala de aula, o conhecimento da



realidade de vida de um professor numa escola. Acho que, tanto em Portugal quanto no Brasil, já estivemos melhor a esse nível. Neste momento há efetivamente uma redução, ou até uma eliminação da dimensão prática, dos estágios, do envolvimento dos professores nessa realidade de conhecimento crescente, numa passagem de testemunho entre os professores que já estão em função nas escolas e os futuros professores que estão a ser formados nas universidades.

**AU** A formação docente tem sido um tema recorrente em suas falas de norte a sul do país. O que o faz acreditar no potencial da formação de professores para a qualidade educativa em tempos de Utopias frágeis?

**Alexandre Ventura:** Você sabe que se nós não tivermos utopia, não sentiremos utopia e não usaremos a utopia como uma forma de estimularmos a nossa ação, de fato a tendência é para que abandonemos essa opção pela educação. Parece-me que o caminho é exatamente esse, é o de nós reavirmos a utopia, mas de uma forma muito racional, procurarmos depois mais estratégias, táticas e ações concretas que permitam caminhar no sentido dessa mesma utopia. Se nós mantivermos um discurso de utopia na educação, mas depois não tivermos o saber e a arte para mobilizarmos os recursos necessários para caminhar no sentido dessa utopia, ficamos numa situação paradoxal de uma utopia eventualmente interessante, mobilizadora, mas que depois não se traduz por ações concretas que permitam efetivamente a construção do sonho.

Para mim é muito claro que, quando a pesquisa nos vem dizendo ao longo dos últimos 30 anos que o aspecto essencial, a variável essencial dentro da escola a explicar o sucesso educacional, o sucesso social e profissional dos alunos é o professor, se eu quero melhorar a qualidade das aprendizagens dos alunos nas nossas escolas, eu tenho de investir, sobretudo, na qualidade da formação dos professores que vão ajudar os alunos a aprender. Se eu não fizer incidir a minha ação, se eu não conseguir de fato mobilizar os recursos necessários para melhorar, quer o acesso à formação docente, quer a qualidade dessa formação docente, se-

rei inconsequente.

Portanto sim, eu acredito na formação inicial de professores, como o aspecto fundamental para melhorarmos a qualidade da formação e a qualidade das aprendizagens dos nossos alunos na escola. Será através de uma valorização da profissão docente, de uma redução das evidentes facilidades que se apresentam para aceder à profissão docente e de uma melhoria da qualidade dessa mesma formação, tornada cada vez mais prática e inclusive, na minha opinião, mudando o epicentro da formação de professores e da formação continuada de professores das instituições de ensino superior para as instituições de ensino não superior, onde os futuros professores desempenharão as suas funções. Eu acredito que o caminho passa por colocar os futuros profissionais junto dos atuais profissionais, incrementando vasos comunicantes entre as universidades e as escolas, as escolas e as universidades, os professores atualmente em funções e os futuros professores. Através dessa promiscuidade benigna e sinérgica nós podemos melhorar a qualidade da formação inicial de professores, preparando-os melhor para a realidade do local, das dinâmicas, das culturas, das exigências, dos desafios, mas também das maravilhas inerentes ao exercício profissional em termos de satisfação por vermos efetivamente os resultados da ação dos professores na satisfação e na aprendizagem e desenvolvimento das competências dos alunos.

**AU** Fale de suas expectativas em estar na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-URI.

**Alexandre Ventura:** A expectativa é elevada de mais uma vez ter o privilégio de conviver, de usufruir da presença e dos discursos dos meus queridos amigos, professores e alunos da URI, gente tão interessante e interessada nas questões da educação. Portanto, isso é obviamente um caldo cultural e emocional que suscita em mim uma grande vontade em regressar muito em breve ao vosso convívio.